



## Feliz Natal e um 2009 de muitas realizações!

*O Conselho Executivo da APSEF deseja a todos os associados, colaboradores e amigos, um final de ano repleto de celebrações, paz, harmonia, saúde e amor. E que no 2009 que se avizinha possamos cada vez mais estreitar nossos laços para que, fortalecidos, vislumbremos a cada dia novas perspectivas. Os sonhos aí estão, para que sejam alcançados e desfrutados. Que a alegria faça parte de nossas conquistas, e que elas sejam muitas, do tamanho do direito que conquistamos, nos anos que já se passaram.*

Foto: Agência Senado



### Plano de saúde para todos os servidores

Governo Federal divulga um aumento progressivo no valor da contrapartida para alcançar a meta até 2010. Critérios adotados, porém, prejudicam aposentados e pensionistas, argumenta a presidente da APSEF. (Pág. 3)



### Conheça os vencedores do “Contos e Casos - APSEF 2008”

Médico aposentado pelo Ministério da Saúde, e ganhador do Prêmio Poesia 2005, conquista a primeira colocação com “Verde pedra preciosa”. Leia a íntegra dos textos premiados. (Pág.5)



### Orçamento para 2009 preserva os reajustes ao funcionalismo

Corte de aproximadamente R\$ 10 bilhões, em virtude da crise econômica, não impedirá o cumprimento do previsto nas diversas MPs que condemnam aumentos a 16 carreiras, na avaliação do relator do projeto, Senador Delcídio Amaral (foto) (Pág.4)

## Editorial

As últimas pesquisas dos institutos Sensus e IBOPE ratificaram, mais uma vez, a gigantesca aprovação popular que possui o presidente Lula. Oito em cada dez brasileiros o avaliam positivamente. E sete aprovam o seu Governo. São índices jamais alcançados por qualquer outro presidente desde a volta da democracia em 1985. Lula encerra o sexto ano de sua estadia no Palácio do Planalto em lua-de-mel permanente com o povo.

Apesar desse aparente céu de brigadeiro, o próximo ano desponta como uma grande incógnita, tanto no cenário político como – e principalmente – no econômico. A chamada “marolinha” do presidente, de fato, não se transformou em onda gigante. Mas a crise econômica mundial é uma realidade concreta, com os Estados Unidos e a Europa caminhando para uma recessão sem prazo de término e o Brasil já sentindo os efeitos, mesmo com um Lula otimista recomendando que as pessoas continuem comprando e que as obras e os investimentos do Estado prossigam em um curso de normalidade.

Na Esplanada, os sinais de fumaça emitidos em direção aos servidores públicos são de cor branca. Muito embora já tenha ameaçado o pagamento dos reajustes programados para 2009, o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo – o mesmo que previu o desastre nas contas públicas com o final da CPMF – baixou o tom e assegurava no início de dezembro que todos os compromissos estão mantidos. O orçamento previsto para o novo ano sofrerá um baque inferior ao inicialmente previsto o que garantiu um oxigênio suplementar.

Cautela e canja de galinha não fazem mal a ninguém, contudo. Não basta

disponibilidade orçamentária para que as melhorias remuneratórias assinaladas em quatro MPs se transformem em dinheiro na conta-corrente do funcionalismo. É preciso capacidade financeira para a realização da despesa. E, a preceder a efetiva implantação dos aumentos previstos, certamente serão analisadas as possibilidades de risco para o equilíbrio das contas. Nem Lula, nem Bernardo, nem Mantega ou Dilma possuem bola de cristal para prever o comportamento econômico nos próximos doze ou vinte e quatro meses. Quando a bolha do crédito imobiliário norte-americano estourou, poucos políticos brasileiros enxergavam a sua existência.

Vale observar que em quase todos os pronunciamentos, quando o assunto é crise econômica, fica registrada a preocupação governamental em assegurar a manutenção do Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC. E agora mais que fundamentado no discurso de que serão as obras que trarão empregos, e de novo o consumo, e a produção industrial e o giro do carrossel da economia. Mas resta evidente também que o PAC tem forte conotação política. Lula conferiu a maternidade do programa à ministra-chefe da Casa Civil, e Dilma Rousseff é a sua aposta para 2010. Problemas com o PAC significam não exatamente o atraso na reformulação da infraestrutura que o Brasil tanto precisa, mas sim um freio na corrida de sua candidata. Se cortes forem necessários, a faca não vai passar por aqui.

Tomara não passem pela nossa folha de pagamento.

\*\*\*

O ano da APSEF termina com a divulgação dos premiados no primeiro concurso “Contos e Casos”, concebido para dar oportunidade àqueles que têm os seus escritos, porém não necessariamente com estrutura poética. Seus objetivos foram alcançados e o resultado mais uma vez comprovou a importância de eventos dessa natureza no âmbito da entidade.

Mais do que a qualidade das histórias – talvez histórias – apresentadas, mais ainda que a premiação pecuniária concedida aos três primeiros colocados, sobressai a relevância que o certame possui para aqueles que dele tomam parte.

Quando acreditamos estar aguçando a inspiração de nossos colaboradores, descobrimos que são eles, na verdade, que trazem motivação para o nosso trabalho. É o exemplo de um veterano da vida, como o Dr. Alcides, que já criou os seus filhos – e, possivelmente também plantou árvores – agora planeja publicar seu livro. E revela que a autoconfiança foi adquirida a partir dos concursos da associação. Ou da Maria Clara, que pela primeira vez inscreveu um trabalho seu e que, depois disso, passou a refletir sobre a possibilidade de diminuir o ritmo de sua vida profissional, ainda a pleno vapor, para aumentar a velocidade de produção de outros textos, trocando a obrigação pelo prazer.

A satisfação pessoal que encontram em ações que outrora pareciam irrelevantes e as descobertas que para eles se descortinam, também nos traz alegria e um sentimento de dever cumprido. É gratificante podermos confirmar que a nossa crença de que um novo caminho repleto de possibilidades se abre a partir da aposentadoria é também a crença de muitos dos nossos associados.



O Informe APSEF é uma publicação da Associação Nacional dos Aposentados e Pensionistas do Serviço Público Federal, editada sob a responsabilidade de sua Diretoria. Permite-se a reprodução e citação, desde que citada a fonte.

APSEF- SCN - Quadra 02 - Bloco D - Torre B - Salas 225/227  
Ed. Centro Empresarial Liberty Mall  
CEP 70712-903 - Brasília/DF - Tel. (61)3034-3983 - 3037-9072  
0800-6027171

<http://www.apsef.org.br> - e-mail: [apsef@apsef.org.br](mailto:apsef@apsef.org.br)

Tiragem desta Edição: 6.000 exemplares

Jornalista Responsável:  
Edson Kazushige Teramatsu - Reg. DF3684JP

### Conselho Executivo:

Presidente:  
**Maria Cecília S. S. Landim**  
Vice-Presidente de Administração, Finanças e Patrimônio:  
**Margarida Maria Gonzaga Pereira**  
Vice-Presidente de Assuntos Jurídicos:  
**Maria Alves Figueiredo**  
Vice-Presidente de Assuntos Assistenciais:  
**Maria Eduvirgem Simas Pereira**  
Vice-Presidente Sócio-Cultural:  
**Tania Maria Teixeira**

### Conselho Fiscal:

**Arthur Oscar Franco de Sá**  
**Maria Benedita Ewerton de Sá**  
**Terezinha da Assunção Gomes Alves**

# Governo quer plano de saúde para todos os servidores até 2010

*Para a presidente da APSEF, o plano, todavia, prejudica aposentados e pensionistas*

O Governo Federal, por meio do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, está adotando uma série de medidas com o objetivo de assegurar assistência médico-odontológica a todos os 1,4 milhão de servidores públicos até 2010. Estimativas daquela Pasta indicam que aproximadamente 40% do funcionalismo permanece sem a cobertura de um plano de saúde. Na abertura do 1º Encontro Nacional de Atenção à Saúde do Servidor, realizado em Brasília no final de outubro passado, o secretário-executivo do MP, João Bernardo Bríngel, garantiu que o plano faz parte de uma política de Governo já estabelecida e que deve ser cumprida. “Se a Constituição Federal determina que saúde é um direito do cidadão e obrigação do Estado, não haveria de ser diferente em relação ao servidor público”, afirmou na ocasião.

Para o alcance da meta, dentre outras medidas, o Governo anunciou o aumento escalonado da contrapartida que custeia a assistência à saúde. Atualmente o valor é de R\$ 55 por servidor ou dependente. Em janeiro de 2009 passa para R\$ 60, R\$ 65 em junho de 2009 e R\$ 72 em janeiro de 2010. Apesar de louvável, o esforço do Governo tem sido objeto de questionamentos, principalmente no que se refere justamente aos critérios de distribuição dos recursos destinados ao subsídio dos planos de saúde.

Por meio da Portaria Normativa nº 1, de 27 de dezembro de 2007, a Secretaria de Recursos Humanos do MP, estabeleceu que o valor a ser repassado para os órgãos “terá como base o número de beneficiários regularmente inscritos no plano de assistência à saúde suplementar”. “Uma vez consolidado o

critério de pagamento ‘per capita’ resta claro que os maiores prejudicados, mais uma vez, serão os aposentados que pagam valores muito mais altos por um plano de saúde, independentemente da operadora, mas recebem o equivalente a um servidor de 20 anos de idade”, argumenta Maria Cecília Landim, presidente do Conselho Executivo da APSEF.

“O plano do Governo apresenta uma incoerência na sua concepção. Na parte em que a União custeia parte da assistência à saúde ela adota um caráter de mutualismo, de repartição coletiva. Mas na hora em que o servidor paga pelo serviço aí só encontra propostas baseadas na capitalização individual, onde o fator idade é preponderante”, explica Maria Cecília. “Tratar a todos da mesma forma na hora de financiar um plano de saúde seria muito interessante se houvesse um grande plano de saúde para o servidor baseado em autogestão e que pudesse contemplar e atender características específicas do serviço público. Assim, o servidor mais jovem acabaria, talvez, pagando mais por uma assistência no início de carreira, quando jovem, para depois, na aposentadoria poder contar com um plano mais acessível. Aí é possível se falar em mutualismo.”

De acordo com Anuário de Custos de Planos de Saúde (ACPS 2007), da Strategy Consultoria, um beneficiário de 23 anos de idade paga em média R\$ 84,01 mensais pela assistência. Por outro lado, uma pessoa com 60 anos de idade paga mensalmente por um plano semelhante R\$ 429,29. Assim, a partir de janeiro de 2009, e com o valor “per capita” fixado em R\$ 60,00, o Governo Federal subsidiaria para o mais jovem

71,4% da sua despesa, e para o de maior idade, apenas 13,9%.

Durante audiência pública promovida pelas comissões de Seguridade Social e Família; e de Trabalho, de Administração e Serviço Público, realizada no início de dezembro para debater normas estabelecidas no ano passado pela Secretaria de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, e que reuniu representantes de servidores e de órgãos do Poder Executivo, o tema veio à tona.

De acordo com o coordenador-geral de Seguridade Social e Benefícios do Servidor do Ministério do Planejamento, Sérgio Carneiro, o valor é único porque não se sabe o número de servidores que têm acesso a plano em todos os órgãos do Executivo. Segundo ele, esse levantamento deverá ser feito no próximo ano e, a partir de 2010, poderá haver uma tabela de valores segundo a faixa etária e os ganhos salariais. “Precisamos primeiro universalizar o benefício e, depois, discutir a faixa etária. Estamos abertos para os ajustes necessários”, disse Carneiro, para a Agência Câmara.

Para a Presidente da APSEF, a solução do problema exige uma solução rápida. “Esperamos que prevaleça o bom senso e o princípio da equidade para que os aposentados não sejam prejudicados no momento em que lutam pela própria vida, ao buscar os serviços oferecidos por um plano de saúde. E não há como postergar a adoção de novos critérios, que estabeleçam um valor maior para os mais idosos. Saúde é sempre um assunto de urgência quando a idade é elevada”, conclui Cecília Landim.



www.apsef.org.br  
A SUA ASSOCIAÇÃO 24 HORAS

## Orçamento para 2009 garante recursos para os reajustes do servidor

Após muita especulação e incertezas criadas a partir do recrudescimento da crise econômica mundial, o corte no orçamento da União para 2009 deverá bater na casa dos R\$ 10 bilhões, a partir de uma expectativa de redução de 4% para 3,5% da taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Os dados constam do relatório apresentado no início de dezembro pelo relator da lei orçamentária, senador Delcídio Amaral (PT-MS).

Enquanto aguardava o texto final do relatório, e de olho na já iniciada corrida presidencial para 2010, o Palácio do Planalto mantinha o discurso de que deveriam ser preservados os recursos para as áreas de educação, saúde, programas sociais e, principalmente, para o Plano de Aceleração ao Crescimento (PAC). Mesmo com o desejo do Governo em aumentar investimentos como forma de combater a crise, o corte do Orçamento deverá atingir, sim, obras previstas no PAC, segundo o relator, que garante, por outro lado, que serão focados projetos em andamento que tiveram baixa execução orçamentária em 2008 ou que apresentem problemas de licenciamento ambiental.

No que tange a gastos com pessoal, os sinais emitidos apontam para uma situação um pouco mais confortável. Os

acordos fechados entre Governo e servidores devem ser mantidos, afirmou Delcídio. As quatro medidas provisórias editadas reajutando a remuneração de 16 carreiras do funcionalismo de forma escalonada têm, juntas, um custo previsto de R\$ 29 bilhões para 2009. O máximo que deverá acontecer, na opinião do relator, é o adiamento de algumas nomeações de concursados, eis que também estão previstos concursos públicos para o próximo ano.

De acordo com relatório apresentado pela Secretaria do Tesouro Nacional, apesar de a maior parte dos aumentos aos servidores ter entrado em vigência já no segundo semestre, o gasto com pessoal cresceu 10,1% em 2008, com um volume de recursos menor que o conjunto das despesas e que a alta de 17,6% nas receitas líquidas do Governo. Em entrevista à Agência Brasil, o secretário Arno Augustin afirmou não acreditar que os salários dos servidores pressionarão os cofres públicos num cenário de queda da arrecadação.

No início de novembro, e diante de um cenário ainda nebuloso quanto à possível perda de receita, o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, declarou que os aumentos já previstos nas MPs poderiam não ser concretizados, caso a queda superasse uma previsão inicial de R\$ 15 bilhões.

## Paridade com salário da ativa

Pensões deixadas por servidores aposentados até 2003 podem vir a ter paridade com salários da ativa.

Garantir correções iguais às aplicadas aos salários dos servidores da ativa para as pensões concedidas em favor de beneficiários de servidores que já estavam aposentados ou com direito à aposentadoria quando da edição da Emenda Constitucional nº 41, de 2003. Este é o objetivo da proposta de emenda à Constituição (PEC 36/08) que foi aprovada na quarta-feira (3) pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). O texto, agora, terá de ser analisado no Plenário do Senado.

A matéria, de autoria do senador Paulo Paim (PT-RS), foi aprovada na forma de substitutivo apresentado pelo relator, o senador Expedito Júnior (PR-RO). Nesse texto, ele inseriu novas alterações nas regras da Previdência, uma das quais para estipular em 70 anos o limite de idade para a cobrança de contribuição sobre as aposentadorias e pensões dos servidores públicos.

Segundo Expedito Júnior, esse limite irá reduzir “injustiça” contra os aposentados mais idosos, que deveriam estar recebendo proventos, e não contribuindo para a Previdência. Como a expectativa de vida do brasileiro é de aproximadamente 72 anos, observou, a interrupção da cobrança nesse momento da vida do segurado teria impacto reduzido sobre as contas do sistema previdenciário.

**Aposentadoria voluntária** - Outra alteração defendida por Expedito Júnior assegura a opção pela modalidade de aposentadoria voluntária aos servidores que já poderiam ter requisitado esse benefício, mas que optaram por continuar na ativa por estímulo oficial e acabaram sendo surpreendidos por uma situação de incapacidade para o trabalho. Conforme o relator, nesses casos,

esses servidores terminam sendo aposentados por invalidez em condições menos favoráveis em relação à aposentadoria voluntária a que tinham direito.

Além de propor correções nas mesmas bases aplicadas aos salários da ativa, a PEC também prevê a retroatividade dos efeitos à data de vigência da Emenda Constitucional nº 41/2003, publicada em 31 de dezembro de 2003. Se aprovada com essa retroatividade, portanto, a proposta terminará equiparando completamente os valores das pensões aos salários nos níveis correspondentes aos que são pagos atualmente.

De acordo com Expedito Júnior, a PEC irá promover maior equidade entre os diversos contribuintes em relação aos valores das pensões. Segundo ele, as alterações anteriores já haviam assegurado o direito à paridade das correções às pensões instituídas até o dia 31 de dezembro de 2003, bem como para as que são recebidas de servidores aposentados pela regra de transição instituída no artigo 3º da Emenda Constitucional nº 47/2005, que resultou da aprovação da chamada “PEC Paralela”.

A situação de servidores com aposentadoria concedida por outra regra - o artigo 6º da emenda constitucional nº 41/03 - estaria sendo reparada por meio de outra proposta de alteração constitucional, já aprovada no Senado, embora com tramitação parada na Câmara dos Deputados. Restava, assim, conforme o relator, a situação de “iniquidade” das pensões instituídas após 31 de dezembro de 2003, relativas a servidores que, naquela data, já estavam aposentados ou já tinham direito à aposentadoria. (Agência Senado)

## Contos e Casos - APSEF 2008

1º  
lugar

## Verde pedra preciosa

Por Alcides Bustillos Villafan

Era o mês de Julho. Lucas, do balcão da padaria do Seu Antônio, telefona, conforme haviam combinado antes da viagem dela. No terceiro toque, uma voz grave atendeu:

- Alô?

- Senhora, por favor, poderia chamar Esmeralda? – disse Lucas, em voz baixa.

- Um momento. – respondeu uma voz fria, seca e cortante.

Enquanto aguardava, pensou que a pessoa que atendera era seguramente a mãe, que sabia de sua existência e que, por alguma razão desconhecida, não simpatizava com ele. Imaginou-a uma matrona autoritária e sentiu-se dominado por uma onda de temor que serpenteava pelo corpo todo. Os devaneios, entretanto, desvaneceram-se rapidamente com a voz quente de Esmeralda:

- Oi amor, que bom você ter telefonado, estou cheia de saudades, cheguei ontem das férias, hoje no final da tarde, devo apanhar alguns exames de laboratório e...

- Exames de laboratório? – interrompeu-a abruptamente.

- É, nada importante, te explico depois, quando passar pelo apartamento, está bem?

Antes que ele esboçasse qualquer outra pergunta, ela antecipou-se:

- E você, está bem? Pensou em mim?

- Claro! E muito! Não deixei de pensar em ti, contei os dias e as horas de teu regresso, te amo muito, muito mesmo”.

Ela gostou de ouvir sua declaração de amor e, após uma pausa silenciosa, despediu-se provocadoramente:

- Fica calminho aí, vamos matar as saudades logo. À tarde, estarei contigo, espera-me, um beijo grande, tchau.”

- Tchau.

Ele estava contente, alvoroçado, desejando que o tempo voasse e já fosse tarde. Lucas foi à faculdade para tomar conhecimento dos horários do segundo semestre e, por volta das três horas da tarde, pegou o bonde para o Largo do Machado. Ao atravessar a praça, próximo à entrada da igreja, ocorreu-lhe comprar duas rosas vermelhas – as preferidas dela – de uma banca de flores. A vendedora, uma senhora idosa, de olhar perscrutador, assegurou-lhe que, se tudo corresse bem, os botões abririam logo. Começou então a arrumar o apartamento, limpou o chão, passou pano nos poucos móveis, empilhou num canto da sala os livros e cadernos e colocou os dois botões de rosa num copo com água na mesinha de cabeceira. Olhou o relógio e viu que ainda faltavam mais de duas horas para a chegada da amada. Deitou-se na cama e passou a rememorar os momentos vividos com ela, como cenas de um filme que não cansava de ver. Recordou o primeiro encontro...

\*\*\*

Era uma tarde fria, cinzenta, no final do mês de Agosto. Começava a anoitecer. Em pé, numa transversal à Rua do Catete, Lucas contemplava interessado o comício político que se formava junto ao Palácio do Catete, devido ao trágico suicídio do Presidente Vargas, ocorrido na madrugada desse mesmo dia. Reparou que, bem perto, uma jovem estudante, observadora e solitária como ele, fora empurrada acidentalmente por uma onda de populares que corriam em direção ao Palácio, onde o líder começava um discurso inflamado. Desequilibrou-se e deixou cair os livros e cadernos. Ao perceber que ela estava quase caindo, segurou-a firme pela cintura, sentindo nas

mãos o corpo vibrante e sensual. Ela olhou para ele, com o rosto um tanto assustado, e disse com voz morna:

- Obrigada, não fosse você, eu teria me esborrachado no chão.

- Não tem de quê. – respondeu-lhe e soltou-a devagar com as sensações daquele corpo ainda vivas nas mãos. Recolheu os livros e cadernos do solo e entregou-os nas mãos suaves daquela estudante. Falaram generalidades sobre o comício a que assistiam e, após algum tempo, pouco mais de vinte minutos, ela resolveu retirar-se do local.

A menina tinha rosto e corpo bem talhados, nariz levemente arrebitado, lábios carnudos, grandes e bem desenhados, pele bronzeada, longos cabelos castanhos encaracolados, presos na nuca por uma fita escarlate e brilho magnético nos olhos esverdeados. Lucas marcou na mente, como ferro em brasa na carne, os dois momentos que ele considerava importantes e significativos. O primeiro era o toque macio dos dedos dela em seu braço direito, quando ela se despedira, ao

agradecer-lhe pelo gesto de ampará-la. Tocou-lhe com tal suavidade e intimidade, que deixara todo o corpo de Lucas arrepiado. O segundo foi quando, ao distanciar-se após a despedida, ela voltou o belo rosto de menina em direção a ele, deixando suspenso no ar um sorriso aberto, insinuante e enigmático.

Quatro meses se passaram desde aquele encontro e ele não tivera mais sossego. A busca por ela durante esse tempo foi infrutífera. Depois de algum tempo, desistiu de procurá-la, pensando que a opção que lhe restara – aliás, a única – era deixar tudo nas mãos do destino.

Numa tarde de fim de semana, na altura do posto quatro da praia de Copacabana, Lucas, sentado num montículo de areia, reparou que, a poucos metros dele, uma linda jovem que saiu do mar penteava seus cabelos esvoaçantes com movimentos graciosos e voluptuosos de todo o corpo. Pelos gestos, parecia estar contente com a vida e preparando-se para ir embora. Absorto e magnetizado por essa figura, permaneceu imóvel, com olhar fixo nela durante algum tempo, talvez minutos, até que um pequeno e sutil movimento do rosto dela – encarando-o interrogativamente e que lhe pareceu um sinal de protesto – rompeu a delícia deste momento singular. Constrangido, tentou mudar de postura quando percebeu que o olhar da jovem era complacente e o sorriso convidativo. Encorajado, abordou-a e iniciaram um longo e delicioso colóquio. Ao vê-la de perto, reconheceu-a de imediato: a jovem com traje de praia era a mesma normalista de uniforme azul e branco que há quatro meses lhe esbarrara na Rua do Catete e que era objeto de sua procura obsessiva durante todo esse tempo. Ela também lembrou com assombro aquele incidente e ambos pensaram e falaram com humor que era o destino guiando suas vidas.

Lucas, já com vinte e um anos, acadêmico de medicina, residia em um apartamento próximo ao Largo do Machado. Era romântico e sonhador. Desde o início, aquele encontro significou para ele o primeiro amor, o amor à primeira vista, que irrompera, de modo contundente, abrasador e pungente. Sentiu, na mente e no coração, que fora inoculado pelo vírus da paixão, com invasão maciça e evolução galopante. Estava adoentado de amor. Fascinado por aquela figura, não cansava de procurá-la e ela,



graças a Deus, correspondia às expectativas. Lucas admirava o sorriso espontâneo e contagiante, a fala amena, quente e expansiva, o andar insinuante e cheio de encanto e o jeito empertigado e altaneiro de ser. Expressava no rosto de menina um olhar romântico e um mistério desafiante. Havia nela certo ar de inocência visível e de uma malícia escondida. Lucas, ao considerar o namoro um fato consumado, deu-se conta de que era dois anos mais velho que ela. Ingenuamente, passou a exigir-se uma maior responsabilidade, uma seriedade de compromisso e até uma maior experiência de vida. Entretanto, no passar dos dias, parecia-lhe que ela, ao contrário, encarava os fatos com menos seriedade e pouco se importava em ser mais ou menos experiente. Ela fez-lhe, assim, sentir o ridículo das próprias auto-exigências. A cada dia aumentava o desejo de estar com ela e, ao mesmo tempo e na mesma intensidade, crescia o medo de perdê-la. Os encontros tornaram-se cruciais, ávidos, sedentos. Havia ocasiões em que verem-se e trocaram algumas palavras bastava para aplacar a ansiedade da ausência. O local dos encontros era a praia de Copacabana, onde costumavam caminhar descalços ao pôr-do-sol, do Leme ao posto seis, sentindo nos pés o toque refrescante das ondas do mar. Algumas vezes, querendo despertar a atenção e o interesse da namorada, discorria sobre diversos assuntos. Ela, porém, captando esta preocupação, tocando-lhe suavemente os lábios com os dedos ordenava-lhe calar a boca. Abraçados, apreciavam, dos muros do Forte Copacabana, o brilho fosforescente das ondas do mar e o branco borbulhar da espuma ao chocar-se com a areia da praia, na Avenida Atlântica.

Mas foi numa noite memorável, três semanas antes de Esmeralda sair de férias, já como professora primária de uma escola no subúrbio da Central do Brasil, que reiteradamente lhe surgiam fantasias. Ela chegara ao apartamento no limiar da noite, vestida com roupa de passeio simples, de cores leves, destacando-se o verde suave que harmonizava com seus olhos e com seu nome. Lucas passou a chamá-la, desde então, de “verde pedra preciosa”. O apartamento representava a realização de um desejo acalentado pelos dois durante semanas a fio. Um lugar seguro, que os acobertasse, sem receios, nem sobressaltos. Longe da presença dos outros, perderam afoitos todas as inibições e desceram o longo desfiladeiro do amor, em correria desenfreada. Ela, soberana, como uma rainha, comandou eficazmente todos os atos dos ritos do amor e ele, como súdito voluntário, um tanto aturrido pelo acontecer acelerado, obedecia-lhe sem oposições, nem relutâncias. Como uma folha solta, deixava-se arrastar pela corrente impetuosa das iniciativas de mulher e, a cada minuto, aumentava seu amor por ela. Cada pedaço dela era uma fonte de satisfação e mistério. A paixão transbordava pelos poros. Lucas, em silêncio e com veneração quase religiosa, dizia-se: “parece ser uma mulher esculpida para amar. Será o amor personificado?” Havia nela determinação e vontade firmes. Ela sabia o que queria. Entregava-se à vertigem do amor sem medo, sem dor e sem culpa:

- Gostas de mim? Gostas do meu corpo? – perguntava, com olhar insinuante, provocativo e voz quente, aveludada e sensual.

- Sim, muito, muito mesmo. – respondia Lucas, inflamado.

- Então, desfruta-o, saboreia-o, delicia-te.

Estas palavras repercutiram nele de modo contundente, multiplicando o desejo até os limites da obsessão. Ela expressava, pelas atitudes e pelo corpo jovem, a difícil fórmula da felicidade no encontro amoroso. Quanto mais a entrega era incondicional, mais ele se sentia atado pelos laços do prazer e do afeto. Não existia neles uma luta de poder, não havia ansia de conquista, não havia vencedores, nem vencidos. O tempo do encontro transfigurava-se. Algumas vezes parecia parar e os momentos tornavam-se infinitos. Outras vezes, corria tão freneticamente, que parecia extinguir-se em segundos. Os desejos, como ondas impetuosas, rompiam os muros do constrangimento, da censura e do pudor e eles foram deliciosamente livres.

No meio da penumbra, exaustos pela longa maratona de desejos que no auge queimaram os corpos no ardor da entrega, encharcados pelo suor quente das carnes febris repousaram juntos, próximos, quase colados. Ela estava farta, tranqüila, satisfeita. Ele aproximou-se de rosto dela, beijou-a e confessou-lhe em voz baixa que, durante o êxtase, lembrou-se de um trecho do poema de García Lorca, de que ela tanto gostava. Ela, então, olhando-o com ternura, pediu-lhe que o declamasse. Lucas recitou, caprichando na veemência o trecho que dizia:

“En aquella noche corrí  
Por el mejor de los caminos

Montado en potra de nácar  
Sin freno y sin estribos”

Esmeralda abraçou-o emocionada, deu-lhe um beijo no rosto e acarinhou seus cabelos negros. Deitou-se de costas, com a mão direita embaixo da nuca e ficou silenciosa e pensativa, com o rosto denotando preocupação. Nesse momento, ele captou algo estranho em seu olhar, que perdera momentaneamente o brilho habitual. Seu semblante ficara pesado, parecendo estar distante de tudo. Lucas pensou: “será o segredo de uma experiência anterior, um pesar indescritível, uma tristeza impalpável, um arrependimento?” Ao mesmo tempo, perguntou-se de modo irônico: “e seria eu assim tão especial na vida dela, ao ponto de ter o direito de saber seus segredos?” Ela continuava silenciosa. Lucas ficou tentado a perguntar-lhe, mas logo desistiu, mais pelo temor de que a revelação estragasse aquele momento que já fora além das expectativas. Ainda deitada, ela virou-se de lado, cobrindo com a ponta do lençol parte de sua nudez.

\*\*\*

Lucas olhou o relógio que marcava sete horas da noite. Estava na hora da chegada de Esmeralda. Levantou-se da cama, olhou pela janela da área de serviço, de onde dava para ver um pedaço da rua por onde ela passaria ao entrar no edifício. Permaneceu assim, debruçado e vigilante, por períodos intermitentes. Conforme o tempo foi passando, começou a ficar intranqüilo e um pensamento apavorante, como nuvem escura carregada de tormentas, passou a dominar a mente: “e se ela não aparecer?” Tentando afastar este assustador pressentimento, procurava convencer-se de que a demora era apenas a expressão de um charme, tolerado na mulher amada. O próprio corpo, entretanto, parecia captar com antenas invisíveis o futuro temido. Uma forte onda de frio percorreu-lhe a espinha dorsal e calafrios se irradiaram pelo resto do corpo. Uma sensação de aperto na garganta parecia sufocar-lhe a alma e viveu, por instantes, o medo catastrófico da morte. Desesperado, caminhava aflito de um lado para outro entre as paredes do quarto. Transcorreu mais de uma hora dessa espera, que se tornou desesperada. Sentiu invadir-lhe o corpo um pesado mal-estar e um calor abrasador que lhe queimava os ombros e a nuca. Acudiram-lhe pensamentos assustadores: “teria sofrido um acidente? Estaria internada em algum hospital? Estaria gravemente doente?” Estas perguntas iam e voltavam e ele as ruminava sem parar. Qualquer barulho de passos pelo corredor elevava a esperança até o cume das montanhas para logo fazê-lo cair, abatido, no mais profundo dos abismos. Compulsivamente, olhava o relógio – agora tornado perseguidor – que repetia, em seu tique-taque torturante, já se haver esgotado o tempo derradeiro, havia mais de quatro horas.

A noite já estava vazia de vozes ambulantes. O medo pelos poros escorria, impregnando-se nas coisas e as coisas pareciam-lhe assustadoras. Mesmo percebendo a ausência da mulher amada, teimava, ainda com obstinação louca, em olhar o pedaço de rua, na química esperança de que, no meio do silêncio e da escuridão da noite, emergisse a figura salvadora de Esmeralda. Olhou desgostoso para o leito vazio agora coberto de fina umidade congelada pela fria solidão. Prostrado, ouvia a agonia das já cadavéricas esperanças, que ricocheteavam enlouquecidas entre as paredes do quarto. Com o coração em pedaços e com a alma desesperada, rolaram pelo rosto lágrimas que não conseguia conter, assim como não continha as ondas intermitentes de raiva que brotavam, não só pelo abandono vivido, mas também por não se perdoar a fraqueza de chorar. Mais desanimado ficou quando constatou que os botões de rosas vermelhas não tinham aberto. Lembrou-se das palavras da vendedora, às quais não dera muita importância, mas que agora considerava proféticas: “que se tudo corresse bem, elas se abriam.” Esgotado pela espera estéril, acabara adormecendo. Entretanto, formara-se nele uma tênue e fina esperança de que, ao procurá-la, encontraria a explicação tranqüilizadora.

Vinte e três anos mais tarde, Lucas desempenhava o trabalho de rotina, num domingo à tarde, como médico plantonista de um hospital psiquiátrico em Jacarepaguá, quando a enfermeira lhe comunicou que uma jovem estava à sua procura. Convidada a entrar na sala, a jovem apresentou-se como estudante de psicologia que desejava informações sobre uma paciente atendida por ele numa emergência. Era uma jovem simpática, de rosto bonito, maneiras simples e elegantes. A impressão causada pela estudante foi tão forte que, por um momento, Lucas ficou mudo e visivelmente perturbado, ao ponto de ela perguntar se ele estava se sentindo

bem. Ele desculpou-se pelo “branco” sofrido e, já mais tranqüilo, forneceu-lhe as informações de que ela precisava. Não suportando a curiosidade, disse-lhe que ela lembrava uma pessoa muito querida e pediu-lhe que lhe perdoasse se as perguntas fossem impertinentes. Ela ficou calada, mas logo consentiu em responder. Disse seu nome, que nascera no interior do Estado de Minas Gerais, que era órfã de pai e de mãe e que morava com a avó materna. O pai morrera em um acidente, meses antes do nascimento dela e a mãe, quando ela estava com seis anos de idade, após uma longa e grave enfermidade. Pouco sabia a respeito do pai:

- Eles, na época, eram muito jovens e eu fui produto de uma grande paixão. Pelo que captei nas conversas com minha avó. Parecia que ela não o conhecia bem e até desconfiei que, de fato, não o conhecesse. Sempre vivi mergulhada no mistério do relacionamento dos dois, mas aprendi a tranqüilizar-me, pensando que seguramente se amaram muito e, mesmo tendo sido curto o romance, foram felizes. – concluiu emocionada.

Despediu-se, desculpando-se educadamente pelo desabafo. Agradeceu as informações dadas com um aperto de mão. Estava já quase fora da sala, quando Lucas correu perguntando-lhe o nome da mãe e ela respondeu:

- Esmeralda.

Esta breve história provocou um abalo violento em sua aparente resignação. Tudo parecia coincidir: o nome da mãe, a idade provável do parto, o local de nascimento da filha e

principalmente a imagem física. A jovem parecia ser uma cópia quase exata da mãe, apenas um pouco mais baixa, os lábios mais finos e os cabelos mais escuros e lisos. Nessa noite, Lucas rememorou os fatos de vinte e três anos atrás. A ferida antiga, que presumira estar cicatrizada, se reabriu, sangrando como daquela vez.

Pensou, considerando os fatos recentes, e deu uma versão nova para a ausência da namorada naquele dia. Esmeralda não comparecera ao encontro porque, pelos exames de laboratório, descobrira ser portadora de uma doença grave e estar grávida. Ficara, então, num dilema. Caso fosse ao encontro, não conseguiria esconder estas verdades. Se a doença era terminal, talvez um câncer, ela jamais permitiria ser vista nesta fase em que a vida estaria definhando. Também não aceitaria que ele ficasse com ela por pena ou obrigação. Deliberadamente, decidiu não ir ao encontro como prometera e resolveu sair da vida dele definitivamente sem deixar rastros. Refugiou-se na terra dos familiares maternos e, mesmo sabendo da dor que causaria a ele, procurou preservar o que ficara da paixão viva: uma filha.

Ele pensara, muitas vezes com raiva e ressentimento, que a atitude da namorada fora terrivelmente egoísta. Entretanto, ao ver esta jovem, provavelmente sua filha, compreendeu os motivos. Perdoou-a e perdoou-se pelos sentimentos rancorosos. Lucas se tranqüilizara finalmente. O amor por Esmeralda se agigantara e, no silêncio do seu coração, conseguiu resgatá-la incólume.

2º  
lugar

## O último dos canoieiros

Por José Arlindo Gomes de Sá

O vento norte tinha soprado por toda a manhã da antevéspera do dia de São José. Depois de uma caminhada pelas margens do Pajeú, Cristiano, o canoieiro que vivia indagando “para que sirvo eu” e “qual o meu lugar nesse mundo”, tomava o rumo de casa, abalado com a construção da ponte, que interrompia um dos fluxos mais poéticos do rio.

A tarde, o vento sul inesperadamente expulsou as nuvens para o lado da Serra do Arapuá. O céu estava limpo como há muito tempo não se via e, quando chegou a noite e a lua surgiu, o canoieiro acreditava que não permaneceria acordado até muito tarde, meditando sobre os últimos dias de trabalho, hábito que cultivava ao balanço da rede de alpendre.

A noite foi avançando e, no instante seguinte ao toque das nove horas do sino da igreja matriz, na escuridão que escondia a cidade, Cristiano virou a cabeça para o outro lado da rede e sentiu passar pela nuca um sopro de vento que vinha surpreendentemente do norte, que o deixou com as orelhas em pé e os cabelos eriçados. Uma rara sensação, antecipando o que estava por acontecer: era uma dessas reviravoltas do tempo que, de vez em quando, sobressaltava a região sertaneja, trazendo escondida no bojo a fúria de todos os elementos da natureza, assim reunidos ao longo do Vale do Pajeú, numa confluência só registrada no período das grandes enchentes.

O canoieiro tinha o aspecto debilitado, característico do sertanejo que vive na secura e na rusticidade. Mas a determinação de conduzir a canoa pelo ponto de passagem do Pajeú da rua de baixo ainda era muito convincente. Tal convicção notava-se diariamente pelas conversas daqueles que se utilizavam da embarcação, elogiando o estado de saúde de Cristiano, a despeito do corpo franzino e da dureza do ofício.

A última travessia que fez naquele dia foi a mais longa e a mais ingrata e assim teria sido mesmo para alguém não tão fraco fisicamente quanto ele, pois o rio começou a subir devido às pancadas de chuva caídas nas cabeceiras durante a semana, exigindo esforços sempre maiores. Um dos mais freqüentes usuários sempre se compadecia da falta da qualidade de vida do canoieiro, era uma alma de candura. Uma mulher que costumava puxar o terço no mês de Maria e nas procissões da Semana Santa e que dizia, sempre ao vê-lo muito cansado, após descer da canoa:

- Vai com Deus e o Bom Jesus dos Aflitos, que lhe dão verdadeira força, a força irresistível do amor que se devota ao rio. O Pajeú e o seu povo agradece o trabalho da travessia.

- Deus dos pobres! O triste, minha senhora, é que já não me resta muito tempo para recordar que a vocação é filha legítima da necessidade.

- Acho que você está gostando muito pouco de si mesmo...

Cristiano esboçou um sorriso trêmulo ao se lembrar do diálogo, mas logo pediu à esposa que enxotasse as galinhas que passeavam pela casa a todo momento, roçando nas costas da rede

e perturbando o repouso de que tanto precisava. Em seguida, pegou num sono entrecortado pelos relâmpagos que clareavam as veredas pedregosas do Pajeú. Até que abriu os olhos quase uma hora depois, assustado pelo barulho dos trovões, cada vez mais próximos da cidade. Espreguiçou-se com a visão de Zefa rezando o terço baixinho para não despertá-lo:

- Foi assim que o mundo começou a se acabar no tempo de Noé e a arca – disse ele, melancólico. É agora, só o que me falta, é morrer. Sonhei que um menino da rua me fazia perguntas estranhas da janela.

- Não foi sonho, não. Foi um dos seus amigos, sim. – esclareceu Zefa, interrompendo a reza.

- Amigos? Não tenho tantos amigos assim, não. – disse ele. E, se acaso me restam alguns, há de ser por pouco tempo.

- Credo-em-cruz, homem de Deus! Pois tem um que ainda está aí do lado de fora. – disse Zefa, com um tom de voz de inquietação e um pressentimento esquisito, levantando a cabeça em direção à janela.

Cristiano agarrou-se sem forças às bordas da rede e levantou-se a muito custo com os ossos desmantelados pela decrepitude prematura. E todo ele se via quase tão desfeito, que não parecia capaz de permanecer vivo até o próximo mês. Menos inquieto que intrigado – eram comuns os pedidos para atravessar o Pajeú altas horas da noite – o velho canoieiro caminhou em direção à porta da casa com movimentos indecisos que davam a impressão de pertencer a outra pessoa mais gasta pela vida, sem ouvir a mulher terminar:

- Que coisa mais estranha! Com toda essa chuva aumentando a cada minuto, ele não quis entrar, apesar de minha insistência, e ficou ali numa atitude de oração.

Manuel Caboclo, que já entrara pela casa dos setenta anos, exímio remador que introduzira Cristiano nos segredos da profissão, esperava-o junto à cancela da roça, ao lado da casa, protegido da chuva apenas por um velho saco de lona. Sem rodeios, foi logo direto ao assunto que o trouxera:

- Tem um homem aí que chegou a cavalo na beira do Pajeú e que só conseguirá atravessar com segurança o rio se for conduzido por você. Foi assim que um menino da rua me deu o recado – falou, carrancudo, o velho canoieiro.

Por alguns segundos, Cristiano ficou mudo e meio abobalhado, sem saber o que dizer.

- O menino da rua não o conhece, sequer o viu em algum lugar da cidade, nem nos dias de festa. O tal homem é tão esquisito, que nem quis revelar o nome e a voz ressoava como se estivesse falando por eco. Diz que veio de muito longe e que você o reconhecerá como um transeunte de Pajeú, que apreciou a destreza de seus remos. – completou, sombriamente, Manuel Caboclo.

Os dois canoieiros desceram pela ladeira que leva ao rio, debaixo de uma chuva mais forte que as que costumeiramente

caíam na região, com relâmpagos e trovões de tal forma ameaçadores, que ninguém de sã consciência poderia se aventurar a tomar banho sob as biqueiras de zinco das casas mais antigas da cidade – hábito que o povo tinha incorporado à sua vida. Uma festa para os meninos, uma farra para os homens e alegria para todos.

Mas a chuva não impediu que os dois amigos chegassem à passagem dos carros da rua de baixo, apesar do grande aguaceiro, de uma violência arrasadora, que arrancou um pedaço do calçamento de pedra da rua Dr. Tito Rosas e causou inundações nas casas mais humildes da periferia da cidade.

Manuel Caboclo e Cristiano não ocultaram o aborrecimento pela ausência do homem no local da travessia do Pajeú., praguejando pela falta de palavra e da esquisitice do cavaleiro. Ali mesmo trocaram breves palavras de despedida, sem refletir sobre a estranha aparição, tal a intensidade do dilúvio que, naquela hora, alagava todas as ruas, única explicação que encontraram para o sumiço.

Cristiano, pouco depois da meia-noite, quando voltou para casa, completamente encharcado, nem reparou na estranheza da mulher que o esperava aflita e ainda intrigada para anunciar-lhe a mensagem que um homem montado a cavalo lhe deixara. Provavelmente o mesmo que eles estavam procurando:

- Ele nem quis apelar. Procedeu do mesmo jeito que Manuel Caboclo, sem nenhuma explicação. Chegou bem próximo à janela, numa mansidão que parecia flutuar no lamaceiro. O curioso é que não senti medo, sua presença lembrava uma pessoa por quem a gente tem familiaridade. Mas não consegui ligar a fisionomia com o nome. Falou em voz baixa, quase imperceptível, que você o aguardasse em silêncio, que voltaria em breve, somente para que o conduzisse, na sua garupa, por uma trilha quase inacessível do Pajeú, que seria a nova travessia do rio. – disse Zefa.

Zefa jamais esqueceu aquela frase hermética. Como uma premonição, três dias depois, o tempo anoiteceu às três horas da tarde, os trovões e relâmpagos fizeram estremecer a terra, as águas do Pajeú voltaram a subir e Cristiano, como era de costume, adormeceu pesadamente, cedo da noite, ao som das vozes dos sapos e insetos ribeirinhos. De madrugada, cessada a agitação violenta da chuva e dos ventos, Zefa encontrou o canoieiro na rede, de olhos abertos, com uma expressão de admiração, como se tivesse visto uma coisa extraordinária. Sabia que essa era uma de suas habituais posições ao descansar ao final de cada jornada de canoagem. Mas o intenso estado de êxtase em que se achava Cristiano já não era mais deste mundo.

3º  
lugar

## O jantar de aniversário

Por Maria Clara Rillos Mendes

Era uma noite típica do final do período de seca em Brasília. Janelas abertas, brisa agradável, cigarras que cantam anunciando o breve início das chuvas e todo aquele silêncio noturno das quadras residenciais. Apenas alguns carros estacionando e poucas pessoas caminhando entre os prédios.

Marlene estava agitada, verificando todos os detalhes para receber os convidados, amigos e colegas de trabalho, e ainda precisava de um tempinho para se pôr bonita, cheirosa e arrumada. Finalmente, de acordo com sua “check-list”, tudo parecia estar nos devidos lugares, quando a campainha tocou. Apesar de ainda não estar pronta, Marlene atendeu a porta.

- Olá, meu querido. Entre e fique à vontade.

- Cheguei muito cedo, não é verdade? Desculpe-me, mas fiquei retido lá no trabalho e preferi vir direto. Por favor, não se prenda por mim.

- Não mesmo. Você está em casa. Fique completamente à vontade, que vou apenas acabar de me arrumar um pouquinho e já retorno.

Marlene entrou para o quarto e foi tomar um banho, se trocar para poder receber os convidados. Enquanto isso, Waldir ficou por ali, andando pela ampla sala, admirando a decoração despojada e elegante, ouvindo uma boa música e aproveitando a calma da espera no salão vazio. Reparou na iluminação indireta, nos quadros abstratos e nos elementos de decoração, que combinavam plantas e materiais naturais, tudo bastante equilibrado.

Resolveu sentar, escolheu um canto confortável do sofá e deixou-se cair preguiçosamente. Foi quando escutou um barulho seco e surdo – “croc” -, assustou-se, levantou-se, virou-se para o sofá e começou a procurar para identificar o que teria acontecido. Lá no cantinho, exatamente onde havia escolhido sentar, havia uma pequenina bola de pêlos marrons. Waldir olhou, olhou e a bolinha não se mexia. Não podia acreditar no que estava acontecendo.

- Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Pegou o bichinho com as mãos, desconfiado, viu que era um pequeno cãozinho chihuahua, que já não respirava. Fora assassinado pelo peso de sua bunda, que lhe havia quebrado o pescoço. E agora?

Olhou para um lado, olhou para o outro, não havia ninguém. Graças a Deus! Começou a suar frio. Como? – pensou. Na seca, ninguém sua. Mas estava suando. Sentiu uma reviravolta na barriga e uma terrível sensação de enjôo. Correu até o janelão, que estava completamente aberto, e rapidamente descartou a pequena vítima inerte do quinto andar.

Não conseguiu mais sentar. Andava de um lado para o outro, já não conseguia ouvir a música, não teve coragem de se servir de nenhum drinque, a única coisa que desejava era sair dali correndo. Mas era preciso ter “sangue frio de assassino” neste momento. Contou até dez, lentamente. Sentou-se. Aguardaria o que fosse preciso e inventaria uma desculpa qualquer para ir logo embora.

Passados uns trinta minutos, a amiga aniversariante chegou à sala. Estava linda, elegante, sem exageros. Usava um vestido longo estampado, predominando o vermelho, que combinava completamente com os cabelos longos e negros, e a pele aveludada e clara. Usava sandálias baixas, para que os convidados se sentissem à vontade, num ambiente descontraído. Chegou à sala contente por finalmente poder conversar um pouco com o colega de trabalho que, pela primeira vez, vinha à sua casa.

- Desculpe a demora, mas você sabe como são as mulheres

- Não se preocupe. Fiquei muito confortável por aqui, desfrutando de sua bonita casa e ouvindo música de primeira qualidade. Você está linda!

Waldir estava impressionado com sua própria capacidade de esconder emoções. Nunca se imaginou tão cínico. Tratou logo de continuar com o plano, que havia arquitetado durante a espera.

- Na verdade, Marlene, cheguei um pouco antes, porque não poderia deixar de lhe dar um abraço neste dia, mas não vou poder ficar. Minha mulher fez uma pequena cirurgia e está hospitalizada. Vou daqui direto para lá e, se chegar depois das dez horas, não poderei entrar. Desejo a você tudo de bom e que seu jantar seja um sucesso, o que tenho certeza que irá acontecer.

- Lamento sua saída, mas compreendo os motivos. Amanhã lhe conto os detalhes da festa. Muito obrigada por ter vindo até aqui.

Waldir saiu aliviado. Passou por uma prova de fogo como nunca sonhou. Logo ele, tão calmo, tão introvertido, tão educado e – pior! – adorava animais.

“Tudo bem, passou, página virada. Vamos esquecer.” – pensou.

No dia seguinte, o pessoal do trabalho chegou mais tarde do que o de costume. Ressaca da festa da Marlene. Todos chegavam comentando as virtudes da festa: os drinques maravilhosos, os canapés finíssimos, o jantar impecável e a alegria de Marlene em receber os amigos. Foi tudo de bom.

Waldir ouvia atento e silencioso, tentando saber se alguém teria algum comentário que pudesse ter ligação com o seu segredo. Nada. Ótimo.

Passado algum tempo, chegou a amiga e anfitriã aniversariante Marlene. Agradeceu a todos pela presença e alegria. Depois, discretamente, chamou o Waldir num canto. De novo, ele sentiu a mesma sensação esquisita do suor frio e da reviravolta na barriga.

- Querido amigo, você não imagina o que aconteceu depois que você saiu! A festa foi uma beleza e ficou tão animada, com todo mundo bebendo, falando e dançando, que o meu cachorrinho ficou estressado e pulou do janelão. O pior é que ninguém viu, nem mesmo eu percebi. Somente hoje cedo o porteiro veio me avisar que o bichinho estava morto no jardim do prédio e já completamente rígido, coitadinho...

Waldir abraçou Marlene e disse:



- Sabe de uma coisa? Ainda bem que você soube disso somente hoje, pois, assim, não estragou sua festa. Qual era mesmo a raça dele?

- Chihuahua.

- Ah, sei, aquele cachorrinho mexicano.

Pensou com seus botões: “não se preocupe, hoje mesmo vou levar um igual para você.”

Waldir nem conseguiu trabalhar. O mínimo que poderia fazer era repor a perda da amiga. Inventou um compromisso bancário e saiu de canil em canil até encontrar um cachorrinho

parecido com o falecido. Mandou colocar numa linda cesta forrada de papel de presente e um laço de fita de seda e juntou um cartãozinho: “Para a querida Marlene, um novo fiel companheiro, que, apesar de muito amigo, não aceita dividir o espaço com outros convidados. Quando for receber, me avise, pois faço questão de hospedá-lo. Abraços, Waldir.”

Marlene ficou completamente emocionada com tanta atenção do colega, que, afinal, nem pôde aproveitar a festa.

## Contos e Casos - Os premiados de 2008



*Há alguns anos, **ALCIDES BUSTILLOS VILLAFAN** recebeu de um paciente que acabara de visitar as ruínas de Pompéia – cidade romana destruída pela erupção do vulcão Vesúvio, em 79 a.c. – a foto de uma pedra lá encontrada onde estava grafado : HALCIDI. Prometeu para si mesmo que um dia usaria a inusitada inscrição como seu pseudônimo. Utilizou-a no “Contos e Casos – APSEF 2008” e o resultado apareceu : foi o vencedor do concurso, com “Verde pedra preciosa”. Médico psiquiatra, aposentado pelo Ministério da Saúde, foi o vencedor do Prêmio Poesia APSEF 2005. Depois da segunda conquista, aos 74 anos, pensa em reunir suas poesias e contos em livro, motivado até mesmo pelos resultados que obteve. ”Para mim o reino dos poetas e escritores era um mundo ao qual eu não tinha direito. Só admirava e aplaudia aqueles que escreviam. Os concursos da APSEF passaram a ser um ponto de referência. Me trouxeram segurança e confiança para continuar mostrando meus textos”, revelou ele.*

*Aos 66 anos, o médico **JOSÉ ARLINDO GOMES DE SÁ** nem pensa em descanso. Mesmo aposentado pela FUNASA, continua em plena atividade, atuando no programa “Saúde da Família”, em São Joaquim do Monte, município pernambucano conhecido pela romaria anual em homenagem a Frei Damião. Vencedor de duas edições do Prêmio Poesia APSEF – em 2002 e 2003 – ele acaba de conquistar a segunda colocação no concurso de contos, ao apresentar “O último dos canoieiros”, um texto que o remete à infância vivida ao lado daqueles que remavam no Rio Pajeú, afluente do São Francisco, em Floresta(PE). “Cristiano e Manuel Caboclo são personagens que existiram, e dos quais ouvia muitas histórias quando criança”, assegura. “O conto é também uma homenagem a esse povo”. José Arlindo publicou, recentemente, “Rochedo”, seu primeiro romance, e promete um livro de contos para o próximo ano.*



*Associada desde maio de 2007, **MARIA CLARA RILLOS MENDES** participou pela primeira vez de um concurso literário da APSEF em grande estilo. É dela a terceira colocação de “Contos e Casos”, com “O jantar de aniversário”. Aposentada pela FUNASA, continua em plena atividade, agora como consultora do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. “Adorei a idéia de participar, até para testar a receptividade de eventuais leitores. Foi muito bom saber que posso continuar escrevendo e que minhas histórias podem até divertir algumas pessoas”, comemora ela. “Agora com esse prêmio, penso que já posso me dedicar a uma atividade ainda mais prazerosa, que é contar histórias ouvidas, vividas e imaginadas.”*

### Comissão Julgadora:

Alessandra Peruzzo Schwartz, Cecília de Araújo Resende e Janaína Piloni (Jornalistas com atuação em produção editorial, televisão, rádio e mídia impressa)

## Ações Judiciais - Situação em Dezembro/2008

### 1. Ação Ordinária Coletiva nº. 2001.34.00.022139-0

Objeto: GADF – critério de cálculo da retribuição. Situação da ação: O juízo de 1º grau extinguiu o processo sem julgamento de mérito por entender que a Justiça Federal do Distrito Federal somente é competente para os associados aqui residentes. Contra tal sentença, a APSEF interpôs recurso de apelação. O processo foi remetido ao TRF da 1ª Região, e encontra-se sob a relatoria do Desembargador Federal Antônio Sávio de Oliveira Chaves, aguardando julgamento.

### 2. Ação Ordinária Coletiva nº. 2002.34.00.036686-2

Objeto: VPNI. Situação da ação: O juiz acolheu integralmente o pedido da APSEF. A União, por sua vez, interpôs apelação contra essa sentença. Atualmente, aguarda-se a inclusão do processo na pauta de julgamento da 2ª Turma do TRF.

### 3. Ação Ordinária Coletiva nº. 2002.34.00.038035-6

Objeto: extensão do reajuste das remunerações dos DAS 1, 2, 3 aos servidores agregados. Situação da ação: A sentença acolheu parcialmente o pedido da Autora, para declarar o direito às atualizações concedidas, a partir de novembro de 2002, aos respectivos cargos em comissão. Posteriormente, a APSEF interpôs recurso de apelação que foi distribuído ao Desembargador Federal Luiz Gonzaga Barbosa Moreira. Em 11/09/2008 foi redistribuído ao Desembargador Federal Carlos Olavo e atualmente aguarda inclusão em pauta de julgamento.

### 4. Mandado de Segurança Coletivo nº. 25568

Objeto: Retirada da GADF. Situação da ação: Foi concedida a liminar requerida pela Autora, a qual visa impedir a retirada da GADF enquanto não é realizado o julgamento definitivo do mérito da ação. O INSS deu entrada em petição para ser incluído como litisconsorte passivo no feito e, em 30/09/2008 foi publicada a decisão que deu provimento a esse pedido do INSS. Atualmente, os autos estão conclusos ao relator.

### 5. Ação Ordinária Coletiva nº. 2005.34.00.002913-8

Objeto: Agregados. Situação da ação: O juízo de 1ª instância concedeu o pedido de liminar da APSEF e, em seguida, julgou procedente o pedido da APSEF. Inconformada, a União interpôs apelação. Os autos foram remetidos ao TRF e distribuídos ao Desembargador Federal Luiz Gonzaga Barbosa Moreira. Em 11/09/2008 foram redistribuídos ao Desembargador Carlos Olavo. Atualmente, aguarda-se o julgamento desse processo pelo Tribunal.

### 6. Ação Ordinária Coletiva nº. 2007.34.00.026471-7

Objeto: GDASST. Situação da ação: O juízo proferiu decisão indeferindo o pedido de antecipação de tutela. Contestação e réplica foram apresentadas. Aguarda-se, atualmente, publicação de ato ordinatório.

### 7. Ação Ordinária Coletiva nº. 2007.34.00.026472-0

Objeto: GDPGTAS. Situação da ação: O juízo proferiu decisão indeferindo o pedido de antecipação de tutela. A União apresentou sua contestação. Foi proferida sentença julgando parcialmente procedente o pedido. Atualmente, aguarda-se publicação dessa sentença para ter início o prazo de interposição de recurso.

### 8. Ação Ordinária Coletiva nº. 2007.34.00.043578-0

Objeto: GDPDTAS. Situação da ação: O juízo de 1ª instância proferiu decisão indeferindo o pedido de antecipação da tutela. Foi publicada decisão, em 19/08/2008, limitando o pólo ativo do feito somente aos filiados que residem no DF. A Autora interpôs agravo a essa decisão, que teve seu seguimento negado pelo TRF, determinado que ele fosse convertido em retido, o que significa dizer que ele somente será apreciado pelo TRF em sede de eventual apelação. Paralelamente, no processo principal a Autora apresentou sua réplica e aguarda-se o julgamento do processo.

### 9. Ação Ordinária Coletiva nº. 2007.34.00.043726-2

Objeto: GDASST. Situação da ação: O juízo de 1ª instância proferiu decisão indeferindo o pedido de antecipação da tutela. A FUNASA apresentou sua contestação, mas a União perdeu o prazo. A União interpôs agravo de instrumento no TRF buscando devolução de prazo processual e esse Tribunal determinou que o agravo fosse convertido em retido, o que significa dizer que ele somente será apreciado pelo TRF em sede de eventual apelação. Atualmente, no processo principal, corre prazo para réplica.

### 10. Ação Ordinária Coletiva nº. 2007.34.00.044617-2

Objeto: GDASS. Situação da ação: O juiz de 1ª instância proferiu decisão determinando a limitação do pólo ativo aos associados à Autora que fossem domiciliados no DF e excluindo os demais beneficiários da ação. Contra tal decisão, a APSEF interpôs recurso de agravo de instrumento perante o TRF, e esse Tribunal determinou que o agravo fosse convertido em retido, o que significa dizer que ele somente será apreciado pelo TRF em sede de eventual apelação. Paralelamente, o processo segue em 1ª instância. Apresentamos réplica em 10/11/2008.

